

Educação do corpo: biopolítica e biopoder em Belém do Pará, entre o final do século XIX e o início do XX

Education of the body: biopolitics and power in Belém do Pará (late 19th to early 20th century)

Gabriel Pereira Paes Neto*

Eduardo Paiva de Pontes Vieira**

Palavras-chave:

Corpo

Ginástica

Esporte

Resumo: Neste artigo buscou-se tratar de modos de ver e educar o corpo em Belém do Pará. Mostra-se como modos de ginásticas e esportes foram selecionados e montados de forma que se tornassem supostamente corretos, instrumentalizando o corpo como alvo de poder. O recorte temporal para este estudo abrange o final do século XIX e o início do XX. Os documentos analisados são tomados como monumentos a serem desmontados, isto é, os ditos arquivos passam a ser interrogados em sua produção e com intencionalidade de perscrutar as relações de poder que incidem sobre a disciplinarização dos corpos. A fim de melhor delimitar o foco da pesquisa, lançamos como questão primordial as maneiras pelas quais práticas discursivas e não discursivas instituíram modos de educar o corpo em Belém do Pará, entre o final do século XIX e o início do XX. O material empírico foi reunido em um inventário e organizado pela procedência do arquivo (jornais, revistas, revistas pedagógicas etc.), traçando uma unidade capaz de enredar o biopoder como técnica de poder que identifica a educação do corpo.

Keywords:

Body

Gymnastics

Sport

Abstract: This article seeks to address ways of viewing and educating the body in Belém do Pará. It shows how forms of gymnastics and sports were selected and assembled in such a way that they became supposedly correct, instrumentalizing the body as a target of power. The time frame for this study covers the end of the 19th century and the beginning of the 20th century. The documents analyzed are taken as monuments to be dismantled, that is, the so-called archives are interrogated in their production and with the intention of scrutinizing the power relations that affect the disciplinarization of bodies. In order to better delimit the focus of the research, we raise as a primary question the ways in which discursive and non-discursive practices instituted ways of educating the body in Belém do Pará, between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century. The empirical material was gathered in an inventory and organized by the origin of the archive (newspapers, magazines, pedagogical journals, etc.), creating a unity capable of entangling biopower as a technique of power that identifies the education of the body.

Recebido em 1º de março de 2025. Aprovado em 18 de junho de 2025.

* Mestre; doutorando/Universidade Federal do Pará/UFPA; E-mail: gabrielpaesneto@gmail.com.

** Doutor; Universidade Federal do Pará/UFPA; E-mail: epontesvieira@yahoo.com.br.

Introdução

Neste artigo buscou-se tratar de modos de ver e educar o corpo na cidade de Belém. Tenta-se mostrar como modos de ginásticas e esportes foram selecionados e montados de forma que se tornassem supostamente corretos, instrumentalizando o corpo como alvo do poder. Para isto, analisam-se práticas discursivas e não discursivas que instituem modos de ver e educar o corpo, nestes termos, lançando mão de pressupostos foucaultianos relacionados com o biopoder. O recorte geográfico e temporal para este estudo abrange o final do século XIX e o início do XX.

Para fins metodológicos e analíticos, aproximamo-nos das teorizações arqueogenealógicas de Michel Foucault. Os documentos analisados são tomados como monumentos a serem desmontados, isto é, os ditos arquivos/documentos passam a ser interrogados em sua produção, não sendo mais vistos como marcas de um passado a ser lembrado, e sim como algo que foi selecionado e montado para supostamente registrar a memória (Foucault, 2008). Pensar a partir da base conceitual arqueogenealógica de Foucault (2008) possibilita alcançar estados de suspeição sobre a produção das verdades, questionando e conjecturando como certas coisas se tornaram verdadeiras ao tempo em que outras coisas passam a ocupar o lugar de não verdade. A fim de melhor delimitar o foco da pesquisa, lançamos as questões sobre o material empírico analisado, propondo questões norteadoras com o objetivo de conferir visibilidade às práticas discursivas e não discursivas instituídas nos modos de educar o corpo em Belém do Pará, entre o final do século XIX e o início do XX por meio de biopolíticas regulatórias e práticas de biopoder.

O Biopoder pode ser entendido como uma técnica de poder específica, teorizada por Foucault (1999) como algo que emerge a partir do século XVIII. Segundo o autor, na época clássica, período que se estende do final do século XVI ao final do século XVIII, predominava um tipo de poder soberano que dispunha do direito de vida e de morte sobre o indivíduo. E, a partir do século XVIII, observa-se uma nova estratégia de poder que se dirige ao corpo populacional, tornando o Estado a figura que substitui o monarca soberano que passa a

“cuidar” da vida e estabelece o crescimento das populações como sua preocupação central. O biopoder enquanto técnica reelabora o propósito de governabilidade na medida em que objetiva a regulação da vida ao invés da imposição por meio da morte (Foucault, 1999, p. 286-287). Uma notória característica do biopoder é visualizada na história contemporânea por meio do racismo de estado e de movimentos eugenistas e higienistas instaurados em biopolíticas de regulação. Nestes termos, buscamos os enunciados, que para Foucault (2008), possui um sentido¹ próprio. Segundo o autor, “um enunciado pertence a uma formação discursiva” e sua regularidade “é definida pela própria formação discursiva” (Foucault, 2008, p. 132).

Tratamos a formação discursiva como um operador teórico analítico, pois sua busca é das possibilidades de existência. Logo, busca-se uma arqueogenealogia de práticas educativas do corpo em Belém do Pará, no período supramencionado, este o recuo no tempo se dá para demarcar as contingências, os desvios que produziram “o que existe e tem valor para nós, que na raiz do que conhecemos e somos, não existem a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente” (Foucault, 2008, p. 21) e não para reestabelecer uma grande continuidade ou para mostrar que o passado permanece vivo no presente.

A pesquisa torna visível os enunciados utilizando documentos que narram o cotidiano das práticas corporais, tais como livros, jornais, periódicos, materiais didáticos utilizados na produção da “educação física”. Para mostrar como a Belém moderna demandou um investimento em práticas educativas sobre o corpo, sejam as médicas, militares, esportivas ou outras, mostram-se disputas entre as recomendações médico-higienistas, para o corpo considerado saudável, e das múltiplas possibilidades que se relacionam com os discursos em circulação. Sem esgotá-las.

As fontes buscadas e analisadas incluem os documentos considerados não oficiais, recolhidos e reunidos em arquivos feitos para durar e produzir memórias: matérias jornalísticas, campanhas publicitárias, produções literárias e artísticas, de modo geral, revistas pedagógicas, revistas de variedades que contivessem enunciados relativos às práticas corporais no recorte temporal estudado.

Sobre o acesso à coleta de dados, os registros foram acessados em duas plataformas de arquivos: 1) Hemeroteca Digital Brasileira²; 2) Seção de obras raras da biblioteca pública Arthur Vianna³. A unidade de enredo traçada dá visibilidade à trama que possibilitou a emergência de um dado modo de dizer. Foi priorizado um conjunto de enunciados sobre a educação do corpo, registrados nesses materiais.

A definição de um *corpus* de pesquisa se baseou na busca da construção do enredo, com ênfase na pertinência e sentidos dos dados buscados, configurando tramas de acontecimentos, assim, buscamos abrir possibilidades novas, para enxergar novas nuances da história. Sabendo que, de acordo com Foucault (2021), o poder cria os corpos, via discursos, produzem realidades. Interessa saber se as práticas corporais em forma de jogos, esportes e ginásticas, fazem parte de uma “trama pedagógica”, ou seja, faz parte da instituição de biopolíticas e de técnicas de biopoder por meio do higienismo em Belém do Pará, considerando também, o contexto do século XIX que foi de muitas mudanças em Belém, passando por processos de industrialização e amplo crescimento populacional. Sabendo disso, começamos a tratar de práticas discursivas e não discursivas que instituem modos de ver e educar o corpo na cidade, entendendo a arqueogenealogia, também, como uma descrição de acontecimentos e de atravessamentos que permite a observação do que outrora foi escondido, criando conexões e recortando a história como relação de poder.

Urbanização de Belém: a cidade como educadora de corpos

Na segunda metade do século XIX, aproximadamente entre 1850 e 1900, Belém do Pará vivenciava a *Belle Époque*⁴, portanto, passava por uma “modernização” estrutural, econômica, política e cultural, incluindo o surgimento e desenvolvimento de escolas. A cidade passou a receber as diretrizes dos recém-criados sistemas de saúde e “invenções” que vinham sendo produzidos na Europa, sobretudo, na Alemanha, França e Inglaterra (Foucault, 1999).

Entre as invenções, estavam formas de exercícios físicos que passaram a ser sistematizados e

chamadas de ginásticas e esportes. Nestes países, boa parte dessas criações eram desenvolvidas ao ar livre⁵, seja em praças, escolas, parques, rios, dentre outros lugares, assim, a prática deliberada de exercícios físicos potencializou a relação do corpo com a natureza, o que incluiu as escolas. Segundo sintetiza Soares (2016, p. 14) “estamos diante de uma redescoberta da natureza, de sua bondade tanto quanto de seus supostos valores educativos e regeneradores que nutrem uma reflexão sobre as relações”. Esse fluxo de acontecimentos na Europa se relacionou com a produção de novas dinâmicas de controle para o corpo, na década de 1880, século XIX, o que perpetrou práticas discursivas também em Belém do Pará, por exemplo, neste período, o Sport Club⁶ oportunizava práticas ginásticas e esportivas ao ar livre, com base em ideais difundidos em Paris e Londres.

Na Figura 1, tem-se um texto publicado com elogios às práticas de ginásticas e esportivas ao ar livre que estavam sendo realizadas no Sport Club, em Belém. Aponta-se para o potencial de “divertimento” de ginásticas e esportes praticados ao ar livre. Assim como, seu potencial educativo, portanto, como prática higiênica relacionadas aos exercícios físicos.

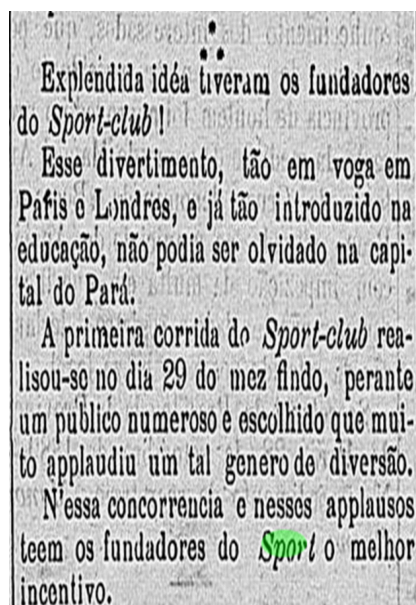


Figura 1 – Imagem jornalística de práticas de ginásticas e esportivas ao ar livre no Sport Club, Pará, 1889.

Fonte: O Liberal do Para (1889).

O texto é constituído por discursos do final do século XIX e início do século XX. A prática esportiva, produzida por países europeus como Inglaterra e França, era vista como um símbolo de progresso e civilidade. A menção a cidades como Paris e Londres relaciona o eurocentrismo da época, em que práticas europeias eram adotadas como modelos de modernidade (Dias, 2014).

O esporte é posto como instrumento de distinção social. A descrição de um “público numeroso e escolhido” (Figura 1) sugere que a prática esportiva estava restrita às elites, funcionando como um marcador de *status* social. Isso se alinha à ideia de que os clubes esportivos, na época, eram espaços de exclusividade, acessíveis apenas aos que pertenciam às camadas mais altas da sociedade (Dias, 2014).

A valorização do “aplausos” como incentivo reforça a ideia de que eventos esportivos também serviam mais como um “espetáculo”, um entretenimento.

O texto da Figura 1 menciona que o esporte já era “introduzido na educação”. Esse aspecto se relaciona a tentativa de produzir corpos e comportamentos de acordo com os padrões discursivos em voga, nestes termos, é possível afirmar a existência de uma idealização das práticas esportivas europeias. A frase “não podia ser olvidado na capital do Pará” também denota uma visão centralizadora e elitista, que desconsidera outras manifestações corporais.

Esse recorte permite problematizar sobre como o esporte, ainda hoje, pode funcionar como instrumento de exclusão. Também em detrimento de manifestações culturais e corporais “subversivas” ou não hegemônicas, da mesma forma, em que pode se tornar um mecanismo de subjetivação e controle. Belém foi educando as pessoas a partir de “formas de exercitar o corpo”, o que inclui as próprias formas e objetivos inerentes à escola enquanto lugar de sociabilidade pública (Guimarães; Sousa, 2016; Santos; França, 2020).

Não se tratava de qualquer exercício físico, ou seja, não se referiam à capoeira, danças ou jogos indígenas ou de origem africana. Também não se tratava de ginásticas de origens circenses, tais quais foram proibidos e discriminados. Tratava-se especificamente de jogos, esportes, ginásticas

“adaptados/as” em países europeus, a partir de finalidades educativas. Estas relacionadas às formas de controle dos corpos em novas dinâmicas modernas, urbanas, políticas, morais e econômicas.

Por Belém do Pará, a “vida ao ar livre e vida urbana se apoiavam dentro de um projeto de modernização” (Dias, 2014, p. 152), em que práticas discursivas passaram a instrumentalizar jogos, esportes, ginásticas. Observa-se na Figura 2.

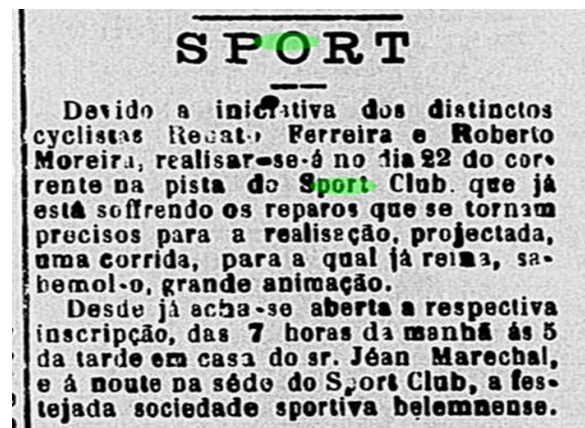


Figura 2 – Imagem jornalística destacando o ciclismo no Sport Club, Pará, 1899.

Fonte: Biblioteca Nacional (1899)

O texto da Figura 2 refere-se a um evento de corrida organizado por um “Sport Club” em Belém, no qual uma corrida seria realizada graças à iniciativa de dois ciclistas. Ele destaca aspectos como a preparação da pista, a abertura das inscrições e a “grande animação” em torno do acontecimento. O uso da palavra “Sport” e a criação de um clube dedicado às práticas esportivas denotam um momento de apropriação do esporte como discurso educativo.

A ênfase em “corrida” aponta para a popularização do ciclismo, que era uma das modalidades mais praticadas da época, impulsionada pela “modernização” das bicicletas e uso pelas elites urbanas. Nesse período, a prática esportiva no Brasil era restrita a elites, sendo os clubes espaços exclusivos, inacessíveis às classes populares, o que reforça o papel do esporte como um elemento de distinção social (Dias, 2014). A formalidade da linguagem e a atribuição de crédito a “distintos ciclistas” conectam-se com a importância social dada àqueles que promoviam tais eventos. Todavia, a valorização de esportes importados pode ter

contribuído para a marginalização de outras práticas corporais, ao tempo em que o ciclismo foi sendo implementado em Belém, como produção dessas práticas ginásticas e esportivas ao ar livre.

A análise do texto histórico também leva a refletir sobre como a ginástica e o esporte ainda são, em muitos casos, utilizados como instrumentos disciplinares e biopolíticos. Na medida em que se percebe como diversas práticas de ginástica e esporte também subsidiaram a criação e o fortalecimento dos clubes como espaços de lazer e nos quais aconteciam festas de diversas ordens, inclusive, em sociabilidades que foram se constituindo como práticas educativas do corpo (Dias, 2014). Na Figura 3 verifica-se outro clube de ciclismo, o Velo-club.

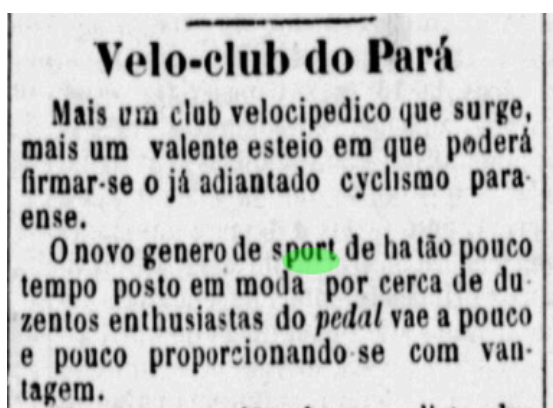


Figura 3: Imagem Jornalística do anúncio do Velo-Club do Pará, 1896.

Fonte: Biblioteca Nacional (1896).

O texto extraído do “Diário de Notícias” do Pará (1881-1898) aborda o surgimento do “Velo-Club do Pará”, destacando a crescente popularidade do ciclismo. A menção a um clube organizado reforça a ideia de institucionalização do esporte, prática comum das elites urbanas, que viam no ciclismo uma manifestação de modernidade e sofisticação (Gomes; Silva, 2021).

O texto sugere que o ciclismo era um “gênero de *sport*” restrito a um público: os “entusiastas do pedal”, ressaltando que o acesso à bicicleta era restrito, também, por ser um bem caro na época. O “Velo-Club” provavelmente funcionava como um espaço de sociabilidade elitista, reforçando hierarquias sociais. A denominação “Velo-Club” reforça a influência de modelos europeus, sobretudo franceses, na organização de práticas esportivas. Já o

termo “*sport*” também demonstra a adoção de uma expressão inglesa.

A popularização do ciclismo entre as elites urbanas reflete também um processo de disciplinarização do corpo, alinhado às ideias higienistas e de controle social. De acordo com Pinheiro e Alves (2014) e Dias e Soares (2014), ocorreram simbioses entre os discursos médico-higienistas, os quais descrevem que “a política de saúde pública implicava o controle da vida banal, principalmente das classes pobres, consideradas um constante perigo à ordem estabelecida” (Dias; Soares (2014, p. 154).

Assim, as formas de controle educacional dos corpos, produziam burgueses “atletas” e pobres obedientes, moralizados e “trabalhadores”. A prioridade de quem detinha o controle dos discursos em Belém, era com a saúde das pessoas pobres, mas sobretudo, com o perigo de serem vetores de doenças para as pessoas ricas, nestes termos, um parâmetro claro é estabelecido com a premissa do biopoder, qual seja, a de exercer controle que garante a vida de parte da população por meio da subjugação e da eventual eliminação de outra parte. Como refere Foucault (1999), por meio de um poder exercido por estruturas que operam a vida e a morte, a proliferação do que é desejável e a extinção do indesejável, que também considera “a morte política, a expulsão, a rejeição, etc.” (Foucault, 1999, p. 306).

Assim, o controle do corpo passou a ser uma prioridade nos discursos. Na Figura 4, por exemplo, tem-se uma proposta de cultura *physica*, publicada em 1886, na Inglaterra, e repostada no jornal Diário de Belém, refletindo preocupações educacionais e culturais da época. Nesse período, o Brasil estava em transição entre os últimos anos da monarquia e a Proclamação da República (1889).

O texto exemplifica como ideias pedagógicas e científicas passaram a entrar em circulação no exterior e, especificamente em Belém do Pará, no século XIX. Durante esse período, os discursos sobre as práticas de ginástica (ou “gymnastica”, como escrito no texto) ganhavam destaque, influenciados por modelos de desenvolvimento físico que objetivavam disciplinar o corpo e produzi-lo conforme padrões de saúde e eficiência. A funcionalidade corporal e o equilíbrio entre força, agilidade e destreza são destacados e isso pode ser

lido como parte de um movimento mais amplo que, sob o discurso de saúde e desenvolvimento, visava também disciplinar e controlar os corpos, especialmente de crianças.

Isto indica uma visão funcionalista do corpo, uma visão fragmentada, característica das ciências biomédicas da época. Há um esforço em normatizar o corpo infantil, promovendo um ideal de criança robusta e “útil”. O texto ilustra a ginástica como ferramenta educativa e formadora do caráter, nestes termos, se pode considerar que os discursos passaram a produzir formas de educar o corpo, baseadas em uma moral utilitária e supostamente ancorada na medicina. O que se intensifica a partir do fato de que as mudanças drásticas na cidade tiveram como consequência sérios problemas de moradia e de saneamento, como mostra a Figura 4.

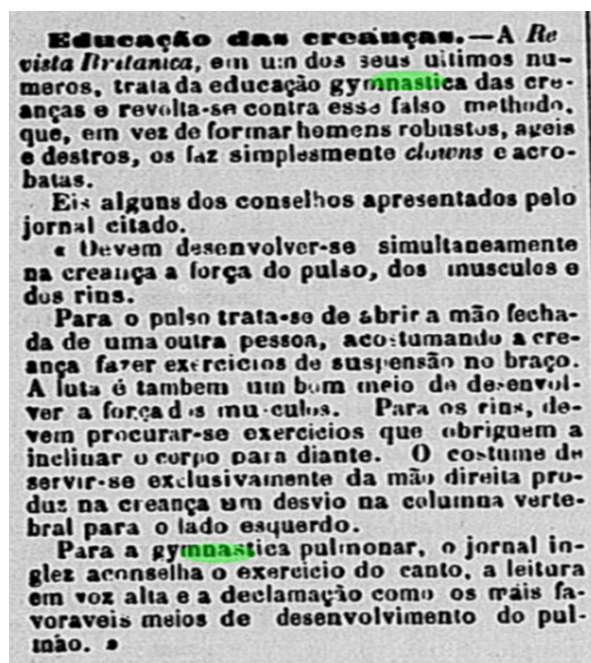


Figura 4 – Imagem jornalística “Educação das crianças” do Diário de Belém, Pará, 1886.

Fonte: Biblioteca Nacional (1886).

Além do início da República, esse período foi marcado pelo auge do ciclo da borracha, assim como, seu declínio. Conforme Sarges (2010), Belém viveu seu auge econômico com a extração do látex, modalidade para o desenvolvimento do comércio local, sobretudo por volta de 1880, com a valorização de artefatos de borracha, principalmente para a produção de pneus, tendo como consequência a chegada de pessoas e grandes mudanças estruturais na cidade.

Antônio Lemos⁷ foi nomeado intendente da cidade, permanecendo até 1912 e foi nessa conjuntura que, segundo Sarges (2010), se ampliou uma divisão social: de um lado, uma elite de homens, políticos, comerciantes e profissionais liberais; de outro, uma camada pobre de ribeirinhos (vindos do interior), nordestinos e imigrantes europeus pobres (sobretudo portugueses).

A Belém ainda pequena e pouco populosa foi transformada em outra cidade, complexa, suntuosa e miserável ao mesmo tempo, um espaço geográfico que se urbanizava e crescia, com lojas e fábricas e induzia a formação de pessoas dóceis e servis, pessoas que consentiam e adotavam isso como estilo de vida. Segundo Dias e Chaves (2017), as políticas de Lemos foram basicamente higienistas, com efeito, a Belém ideal, tinha como modelo a cidade de Paris, modernizada e rica, europeizada, elegante, limpa, segura e com um bom desenvolvimento. Para Gonçalves (2022), algumas cidades, como Belém, passaram por um abrangente processo de modificações urbanas, a partir do século XIX, aos moldes de Paris.

Tendo como foco políticas higienistas, sanitaristas, modernizadoras e embelezadoras da cidade. Segundo Sarges (2010), um dos focos de Lemos foi o “Saneamento Serviço Sanitário e Saúde Pública”, além da “estética da cidade”. As medidas sanitaristas, de limpeza das ruas, esgotos e crematórios, atendiam muito mais ao centro da cidade.

No Álbum do Estado do Pará, de 1908, pode-se ver que foi criado um “Serviço Sanitário do Estado”, como mostra a Figura 5.

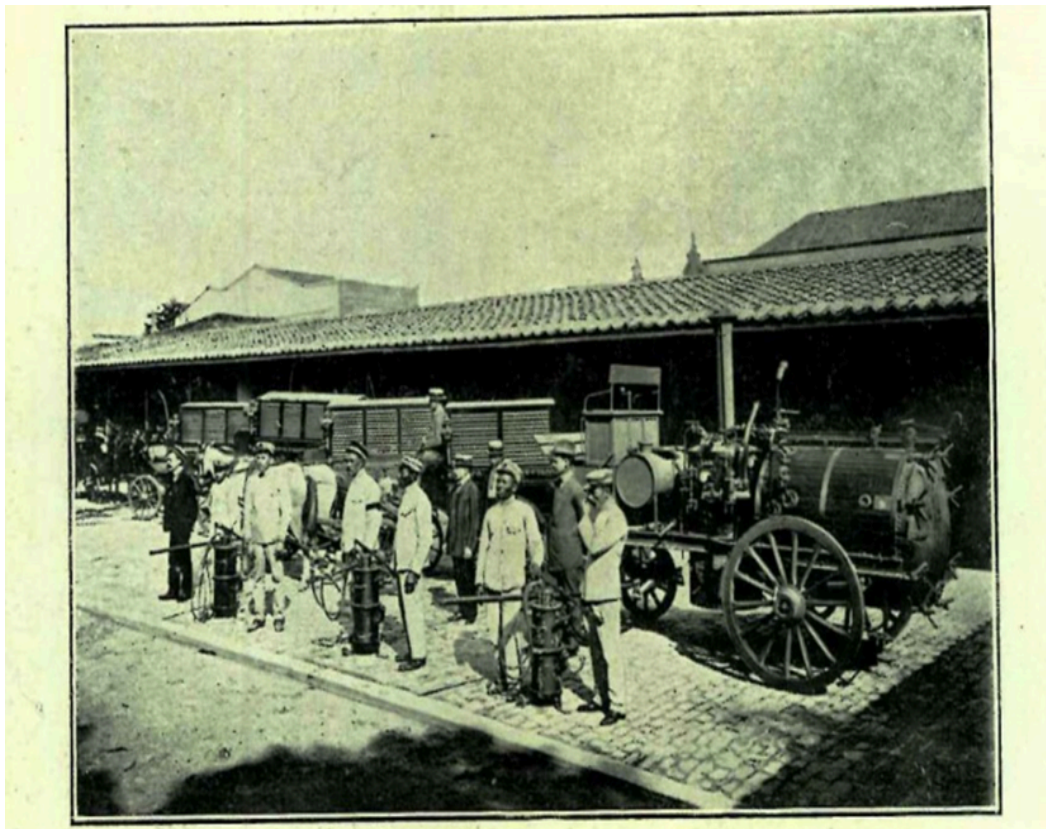


Figura 5 – Imagem dos aparelhos de desinfecção, Belém, Pará, 1908.

Fonte: Fundação Cultural do Pará (1908).

O discurso sobre a importância do “Serviço Sanitário do Estado” era construído por médicos, políticos, sanitaristas, professores, jornalistas, entre outros. O serviço era estadual, implementado pelo governador Augusto Montenegro⁸, que teria melhorado a Hygiene do povo de Belém e do Pará (Gonçalves, 2022).

Nesse registro de 1908, mostra-se que outros serviços disponibilizados pelo “Serviço Sanitário” foram a “ambulância e os aparelhos de desinfecção” (Fundação Cultural do Pará, 1908). Nesse contexto de controle do corpo na cidade, de acordo com Sarges (2010) e Gonçalves (2022), em Belém, passou-se a ter uma tentativa de controle da saúde da população, por intermédio de hospitais e de casas de saúde, da presença de médicos e de autoridades sanitárias. Percebem-se nos fatos discursos que condizem com a referência de uma política de Estado para o controle de uma crescente população urbana, uma biopolítica operada por meio de um corpo técnico com privilegiado lugar de fala.

Foram adotados mecanismos de regulação do que se pode ou não fazer no espaço urbano,

alimentando o discurso de convencimento de que todas as ações seriam para o próprio “benefício” da população mais pobre.

O fato é que a preocupação com a saúde coletiva passou a ser uma prioridade, nesse sentido, também se preocupando com a proliferação de doenças, os discursos normativavam e regulavam o que se podia fazer. Sobre a regulação “hygienica” da vida na cidade em Belém, Gonçalves (2022) aponta que

Fez-se necessário um aparato legal do poder público para [...] regular diversos aspectos da cidade, que iam desde a higiene dos estabelecimentos públicos, habitações coletivas, hotéis, até o controle dos alimentos vendidos para a população, barulhos emitidos nas ruas (Gonçalves, 2022, p. 6).

Faziam parte do Serviço Sanitário as cocheiras, como mostra a Figura 6, para condução de doentes, de feridos, de cadáveres e de animais (Gonçalves, 2022, p. 6).

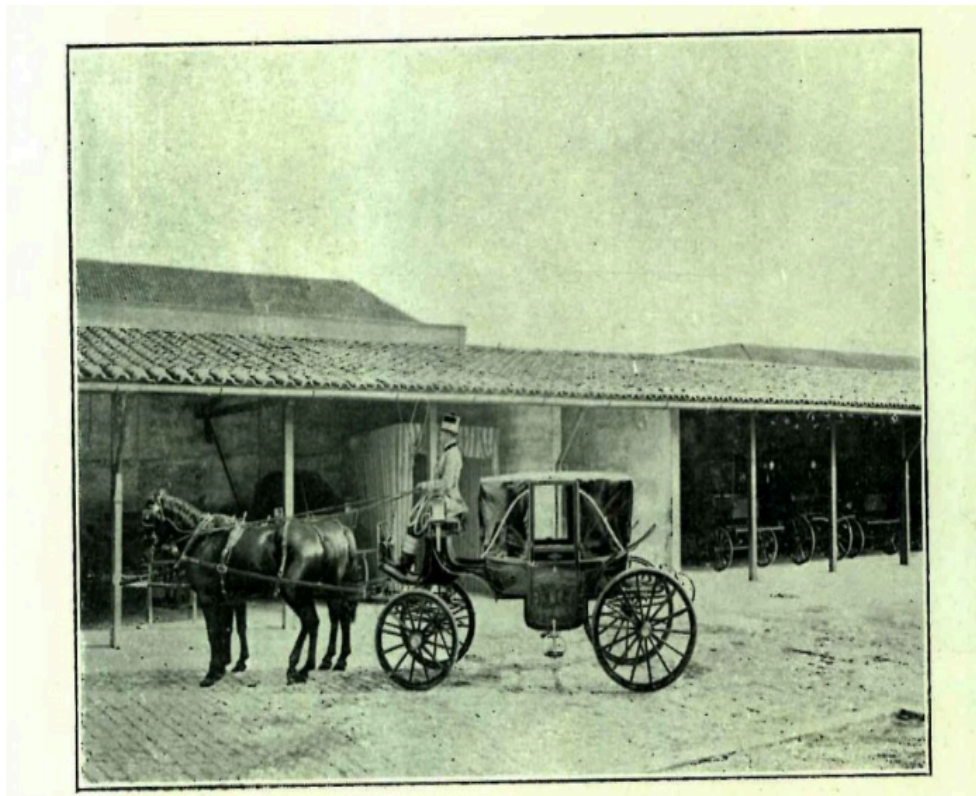


Figura 6 – Imagem jornalística das cocheiras para condução de doentes em Belém do Pará, 1908.

Fonte: Fundação Cultural do Pará (1908).

Gonçalves (2022, p. 6) refere que “era preciso preservar os bons costumes dos habitantes de uma cidade que experimentava o progresso”. Os desafios de controlar o corpo ficavam maiores, o que se estendia para o controle da relação com a natureza.

A cidade era cheia de rios e florestas, Dias (2016, p. 234) menciona que “dotar a natureza de um sentido positivo, integrando-a a cultura urbana, foi uma construção histórica”. Entre outras medidas do intendente Lemos, Gonçalves (2022) cita a utilização do Bosque Rodrigues Alves no Marco da Légua:

O intendente também levava em consideração a arborização da cidade, buscando uma vida mais saudável para a população, mas também sob os ideais estéticos europeus ao domesticar a paisagem selvagem. [...] Foi revalorizado e ampliado o Bosque Municipal, localizado no Marco da Légua (área afastada do centro, e que hoje se encontra

largamente urbanizada), com o objetivo de proporcionar mais um espaço de visitação para a elite. (Gonçalves, 2022, p. 7).

A natureza dominada, a urbanização e a cidade embelezada constituem enunciados presentes na criação e na manutenção do Bosque, além do papel de educação e de saúde.

O uso do Bosque era controlado de forma rígida, padronizado para o uso “moderno” e “educado” do espaço. Esse discurso atrelava-se à ideia de vida regrada, controlada e dita saudável. O corpo foi sendo paulatinamente educado, no contexto de significativo aumento demográfico na capital do estado paraense, conforme mostra a Figura 7.



Figura 7 – Imagem jornalista do controle da natureza no marco da légua.

Fonte: A Semana: Revista Ilustrada (1919).

Segundo Dias (2014),

a cidade, então, se transforma em local de crescimento e demolição, com o antigo sendo devorado pelo novo. As ruas, em particular, transformam-se em lugares de mediações simbólicas e de troca de sociabilidades (Dias, 2014, p. 147).

Ainda segundo o autor

“os passeios e eventos de sociabilidade públicos, eram carregados de pedagogias que incluíam regras de etiqueta e civilidade à moda europeia, atenção aos pudores e cuidados com o recato, bem como postura corporal” (Dias, 2014, p. 147).

Os discursos educativos eram fundamentados como “intervenção médica de caráter preventivo” (Dias, 2014, p. 250), portanto, discursos que “pontuam novas formas de o ideário médico se fazer integrado à vida banal no sentido de normatizá-la” (Dias, 2014, p. 250). Perante a implantação de ideais de higiene, de moral e de limpeza, foram implementadas diversas regras, entre elas, o fechamento e a demolição de cortiços. Antônio

Lemos (1897-1911) produziu reformas higienistas na cidade, o que teve consequências estéticas, simbólicas e pedagógicas. Do ponto de vista do controle do espaço e da natureza (rios, igarapés, florestas). Ao mesmo tempo que a demonstração de controle da “higiene” e “salubridade” produzia confiança nos possíveis investidores, produzia uma pedagogia dos corpos, no sentido de educação e regulação deles. Como parte das ações de saneamento e embelezamento da cidade, se constroem novas ruas, bem mais largas, arborizadas, com boa fluidez para o trânsito das pessoas e circulação do ar, foram muitas as ações que passaram a constituir o que nomeia-se aqui de reurbanização de Belém, calçamento das ruas, instalação de esgotos, instalação de transportes públicos, manutenção e expansão de bosques (como o marco da légua) e praças (Batista Campos, Largo da Pólvora – República e a Praça de Nazaré – CAN).

A Belém reurbanizada, educadora dos corpos, complexa e dinâmica, seja quanto à economia, à distribuição espacial, seja quanto às diferentes formas de viver nos diferentes polos da cidade, trazia mais novidades europeias, observadas na Figura 8..



Figura 8 – Imagem jornalística de Belém aos domingos, 1920.

Fonte: A Semana: Revista Ilustrada (1920).

A Figura 8 destaca como os passeios e eventos de sociabilidade eram prescritos por regras de etiqueta e civilidade, moldadas à moda europeia. Essa normatização, na qual a elite adotava padrões europeus como modelo de comportamento “ideal”. A busca por postura corporal, recato e pudores exemplifica a imposição de um padrão de corpo e comportamento. Essas pedagogias ensinavam a forma de ser, mas também funcionavam como instrumentos de exclusão, como práticas normativas, relegando as classes populares à margem do “progresso” e reforçando a noção de que apenas a elite educada poderia participar dos espaços públicos “civilizados” (Dias, 2014). Assim, a educação dos Corpos se instaurava com um simbolismo urbano.

As reformas higienistas não apenas alteravam a paisagem urbana, mas também operavam no nível

simbólico, educando os corpos para se adequar às exigências de um espaço “civilizado”. Essa pedagogia dos corpos visava normatizar não apenas comportamentos, mas também formas de habitar e interagir com a cidade. Contudo, ao integrar o ideário médico à vida cotidiana, o que se criava não era apenas saúde preventiva, mas também um controle biopolítico e regulamentar (Foucault, 2008). Sob a retórica da saúde e da prevenção, esses discursos viabilizavam as intenções de controle social e político, enquadrando corpos dentro de normas específicas.

As reformas higienistas, como as promovidas por Lemos em Belém, exemplificam a face autoritária desse projeto de modernidade. O fechamento e demolição de cortiços, apresentados como medidas de salubridade, desconsideravam as

necessidades básicas das classes trabalhadoras e frequentemente as expulsavam de seus espaços de vida. O higienismo urbano, mais do que resolver problemas de saúde pública, priorizava a estética e a atratividade econômica das cidades. Ao mesmo tempo, ocultava a marginalização e precarização de comunidades inteiras, deslocando os problemas para áreas periféricas ou invisíveis, enquanto promoviam confiança no capital estrangeiro, invisibilizavam a violência estrutural contra os mais pobres e consolidavam a desigualdade social. As transformações estéticas e simbólicas da cidade reforçavam hierarquias sociais, enquanto a pedagogia dos corpos tornava o espaço público acessível apenas àqueles que subjetivados aos seus padrões (Soares, 2011).

Biopolíticas em Belém: A cidade e o controle médico do corpo

Segundo Foucault (2021), o poder cria os corpos via discursos que produzem realidades. Assim, através de diversos discursos médicos⁹ e pedagógicos, os corpos passam a ser pautados e produzidos, sendo utilizados como mecanismo de controle da própria urbanização que foi tanto produto como produtora da biopolítica. O biopoder tem expressão visível por meio do controle da salubridade, da higiene pública e das políticas higienistas que se entrelaçavam com os discursos médicos sobre ginásticas e esportes. Assim como, produziram diversas realidades sobre o corpo, suas formas de educação e, portanto, suas formas de existir no espaço urbano. A modernidade gerada pela *Bella Époque* em Belém exigiu produtividade, lucro e emprego de capital, nestes termos, é possível afirmar que o meio ambiente, o corpo, a subjetividade, a memória e a vida em perspectiva sócio-histórica se tornavam secundários.

O corpo passou a ser alvo do poder moderno. Um corpo apto ao esforço, disciplinado, obediente ao cientificismo vigente, tanto quanto permanece temente ao erro e ao pecado, posto que a cena

religiosa da cidade acompanha o pungente desenvolvimento econômico. Em meados do século XIX, em Belém, as mudanças em curso na cidade ascendiam patamares elevados e sem precedentes e incluindo diversos aspectos. Segundo Melo (2014, p. 1), a produção de ginásticas e esportes a partir de preceitos modernos, se deu no “decorrer dos séculos XVIII e XIX”, com “a articulação entre o desenvolvimento de um novo modelo econômico” e uma nova dinâmica política da cidade.

Portanto, como práticas educativas do corpo e gestão do tempo livre/de lazer. Os jogos historicamente também eram formas de manifestação da cultura dos povos, ou seja, jogos ligados a expressões utilitárias (provavelmente da agricultura), recreativas e religiosas, ligados, em sua essência, às necessidades de sobrevivência, tal como a caça. Porém, na modernidade também passaram a ser um dispositivo de biopoder à medida em que o corpo foi colocado no centro das atenções, discursos e projetos de sociedade, o que se localiza diante do sujeito, o corpo como cerne do controle – que ultrapassa a lógica punitiva à perspectiva higiênica (Foucault, 2008). Um corpo ativo, trabalhador, forte, que se reverberou sobre ginásticas e esportes.

Os discursos dominantes e incluídos nos clubes e nas escolas passaram a ser o médico normativo. O jogar foi deixando de ser livre e se tornando um método sistemático de exercício, alinhado com diversos discursos (médicos, militares, igreja, imprensa e outros), em que o corpo se tornara uma entidade que transcende a lógica punitiva, sendo moldado pela perspectiva higiênica. Essa transição exemplifica uma mudança no paradigma de poder: de um controle explícito e coercitivo para um mais sutil e disciplinado, assim, o poder soberano foi se tornando biopoder. A descrição de um corpo ativo e trabalhador reflete o ideal do século XIX e início do século XX, alinhado às necessidades da industrialização. Esse corpo “ideal” representa uma construção social que marginaliza outros corpos – os inativos, os fracos, os que não atendem às expectativas de força e produtividade, a Figura 9 representa tal entendimento.

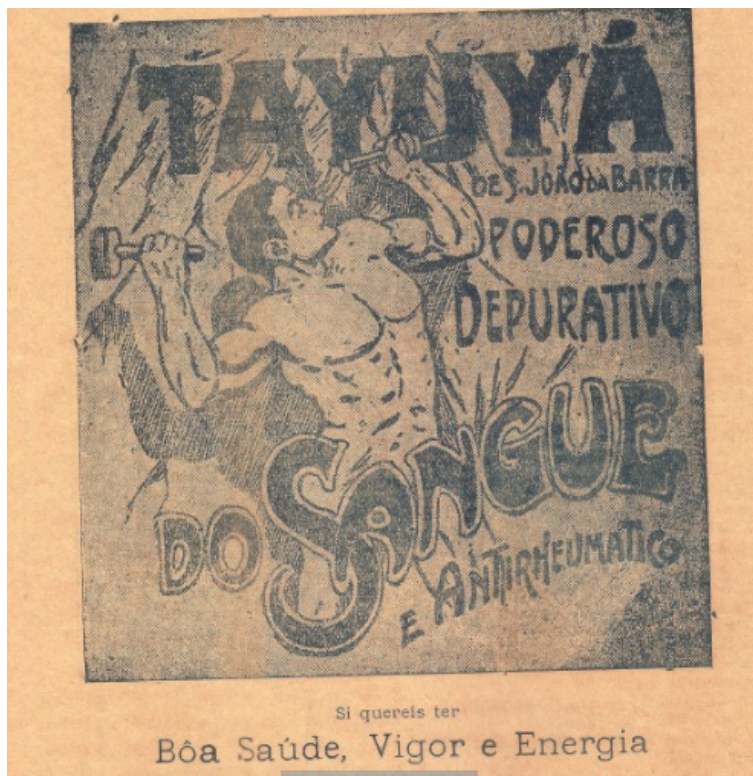


Figura 9 – Imagem jornalística representando um corpo forte e trabalhador: com “saúde, vigor e energia”, conforme a construção social da época, século XIX e início do século XX, Belém, Pará, 1927.

Fonte: A Semana: Revista ilustrada (1927).

A Figura 9, retirada da revista *A Semana: Ilustrada*¹⁰ (1927), é um artefato que permite a visualização de múltiplos enunciados. Ela exibe um corpo masculino musculoso promovendo o uso de um produto chamado “Tayuyá de São João da Barra”, identificado como um “poderoso depurativo do sangue e antirreumático”, com a promessa de proporcionar “boa saúde, vigor e energia”, conforme o anúncio. O corpo é colocado como símbolo de saúde e força, como mostra a Figura 9 com o homem exibido no anúncio sendo representado como um ícone de força física, virilidade e vitalidade. O foco no corpo musculoso, em uma pose de exibição, remetia aos ideais de masculinidade associados à força produtiva e à disciplina corporal. O texto associa o uso do produto à obtenção de saúde e energia, subordinando o corpo a um ideal normativo, e, neste caso, a saúde é colocada como um estado de performance física, conectado ao ideal do trabalhador eficiente e do cidadão saudável.

O termo “tayuyá” está associado a uma planta medicinal de uso tradicional indígena, o qual revela a apropriação de saberes populares pela indústria

farmacêutica (Machado, 2015). A tecnologia de biopoder foi instaurada em espectro amplo que incluía médicos/sanitaristas que promoviam normas de saúde; militares que defendiam a preparação física para a defesa da nação; a Igreja que moralizava os comportamentos corporais e a imprensa propagava esses ideais como modelos universais (Carvalho, 2012). A confluência de discursos marginalizava qualquer corpo ou prática que escapasse às normas instituídas. Essa coalizão disciplinar exemplifica o uso do corpo como ferramenta para atender a interesses de dominação, reforçando estruturas de poder e perpetuando desigualdades, assim, é possível afirmar que as práticas populares e os modos alternativos de vivenciar o corpo são deliberadamente interditados, apagados ou reconfigurados.

A descrição de como as aulas de educação física foram se constituindo como a sistematização das formas de jogar é um exemplo. Como pode-se observar na Figura 9, que demonstra o “Programmas de ensino organizados e mandados adoptar pelo Conselho Superior de Ensino Primario, em 1919” em Belém.

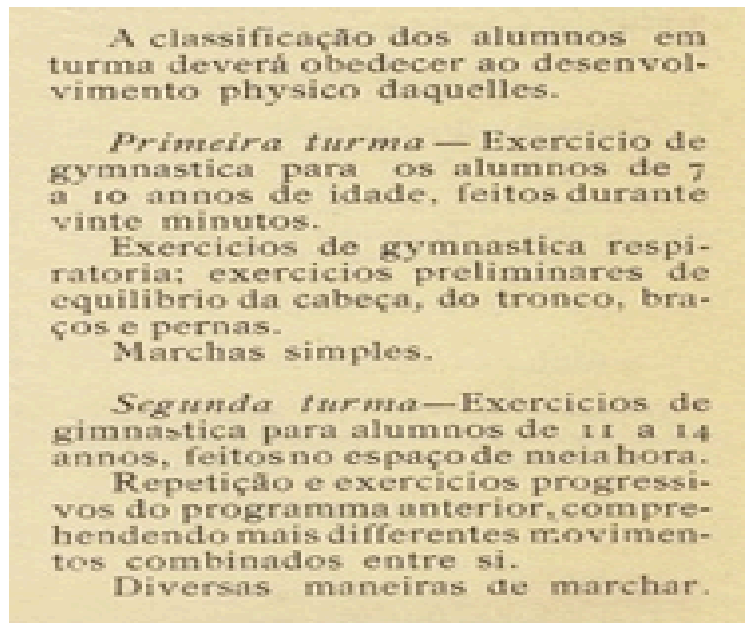


Figura 10 – Destaque jonalístico acerca dos “Programmas de ensino - Conselho Superior de Ensino Primario”, em 1919.

Fonte: Revista O ENSINO (1919).

A divisão dos alunos é proposta pelo desenvolvimento físico, ficando divididos em duas turmas, com diferença de tempos de atividade. Na primeira, exercícios de ginástica para alunos de 7 a 10 anos, com exercício de ginástica respiratória (equilíbrio da cabeça, tronco, braços e pernas) e marcha simples, ou seja, caminhada, durante 20 minutos. Nesta primeira turma, se percebe uma preocupação formativa para o conhecimento do corpo, controle do equilíbrio, atrelado a uma boa capacidade cardiorrespiratória. Essas orientações supõem preocupação com exercícios excessivos para crianças menores, sobretudo de força, enquanto, na segunda turma, exercícios de ginástica para alunos de 11 a 14 anos, durante 30 minutos.

A manutenção de todos os exercícios feitos pela primeira turma, são combinados aos exercícios de equilíbrio e ampliação das formas de marchar. Ou seja, formas de caminhar envolvendo marcha militar e corrida o que amplia a intensidade da atividade cardiorrespiratória. Percebe-se que a divisão de turmas não se baseava apenas em critérios pedagógicos ou cognitivos, mas no desenvolvimento físico dos alunos. A priorização do desenvolvimento físico como critério de classificação ignora as diversidades individuais e culturais. Assim como, reproduz uma lógica eugenista latente na época, em

que corpos fora do padrão proposto eram excluídos ou inferiorizados.

A ginástica é posta como uma ferramenta de controle (Vigarello, 2003). As atividades descritas no texto, como exercícios respiratórios, de equilíbrio e marchas simples, configuram-se como formas de ginástica, transformada em um método rigoroso, com objetivos de moldar o corpo de acordo com normas predefinidas. A sistematização da ginástica exemplifica um processo de domesticação do corpo, secundarizando o caráter lúdico e espontâneo, em outras palavras, um corpo que pode atender uma lógica de poder.

Esse controle sobre o corpo infantil não era apenas pedagógico, mas político, preparando as pessoas para atender às expectativas de uma sociedade militarizada, industrializada e disciplinar. O foco em exercícios respiratórios e no fortalecimento do corpo estava alinhado às preocupações da época com saúde pública e preparação física para a defesa nacional. O higienismo, sob o pretexto de promover a saúde, muitas vezes serviu como ferramenta para controlar corpos considerados “impróprios” ou “fracos”, não obstante, as práticas militares implícitas na educação física (como as marchas) apontam para a utilização da escola como um espaço de formação de corpos

obedientes. Essa visão limita o papel da educação ao de um treinamento corporal, ignorando aspectos emocionais, criativos e culturais do movimento Pich (2014), Bracht (1996) e Da Silva e Fensterseifer (2015).

O controle sobre o corpo na escola estava frequentemente associado a discursos de moralidade. O corpo disciplinado era também um corpo moral, que se enquadrava em normas de comportamento ditadas por instituições como a igreja e o Estado. A ideia de que a educação física deveria formar “bons cidadãos” expõe o papel ideológico dessa prática, que, sob a aparência de cuidado com o corpo, servia para perpetuar normas sociais conservadoras e excludentes.

O “Programmmas de ensino” de 1919 reflete um momento histórico em que o corpo era centralizado como objeto de controle por meio de enunciados que eram disseminados em revistas que chegavam com frequência às mãos dos professores de “educação física”. Sobre a revista “o ENSINO”, Santos e França (2020) analisaram a imprensa pedagógica no Pará no início do século XX, a partir das revistas pedagógicas “a escola” e a “revista do ensino” que seriam como instituições de formação. Segundo as autoras, fazia parte do projeto republicano de Belém a inclusão do corpo nas escolas reflete a instrumentalização do espaço educacional para produzir sujeitos “úteis” ao Estado e o fato de que a escola, que deveria ser um lugar de emancipação e desenvolvimento integral, se torna um campo de disciplinamento físico e mental (Santos; França, 2020). Entretanto, nem todos os discursos coincidiam, pelo contrário, como preconizado no pensamento Foucaultiano, as relações entre os saberes coexistem em uma trama de forças. Aqui lança-se mão de uma carta escrita por José Veríssimo, então diretor do Collegio Americano, ao Sr. Saraiva, diretor e proprietário do colégio Franco-brasileiro. Nela Veríssimo discute um importante debate sobre moral “cristã” e a importância da ginástica como central nas aulas de educação física, como “utilidade higiênica” (Collegio Americano, 1885):

A justíssima indignação de me ver equiparado a si pelo sr. Saraiva, fez me sair a verdade- a stricta verdade como a sua defesa o prova – mais áspera do que por ventura fora mister. A resposta foi a

calúnia – a arma recomendada por D. Basílio quando não há obra do que lançar mão. [...] Felizmente somos ambos conhecidos n’esta terra, e tenho a consciência perfeitamente tranquilla sobre o julgamento do publico paraense entre nós. A calúnia que vem de lá, cae na lama donde saio; e a probidade, feita a custa de trabalho e sacrifícios não está felizmente a mercê do primeiro canalha. [...] Todos os seus demais desbragados insultos – mentiras e calumnias – recurso da impotencia – creia o sr. que não me alcançam. Estou acima d’isso, como o sr. mesmo está convencido, e eu lh’os perdoo compreendendo-os como um grito raivoso da agonia. Não só as finanças do -Franco-, como o sr. diz, que estão em lastimável estado, é tudo o mais: é um collegio morto. Mas, falemos sério. Imagine o sr. Saraiva, que eu sou calvinista ou mesmo mahometano, acredita o sr. que um pae de família catholico, sensato e de honestos sentimentos prefira, para educar seu filho, um catholico sem moral, sem caracter e sem escrúpulos, a um mahometano ou calvinista, homem de bem e de bom proceder? Não creia, sr. Saraiva.

Diz o sr. que ao cabo de dous anos eu quero mystificar – o publico, não? – com gymnastica e esgrima. O sr. é infelicíssimo aos seus ataques, como todos os desesperados. Prestes a afogar-se, o sr. entendeu pegar-se a mim para salvar-se, mas eu largo-o e o sr. vae ao fundo. Não se perde nada.

A gymnastica – cuja utilidade o sr. é o primeiro a reconhecer – como eu vou mostrar – existe no Collegio Americano perfeitamente aparelhada e funcionando regularmente desde o mês de abril do anno passado. Não é portanto, e como melhor ficará provado adiante um pretexto de mystificação. O sr. Saraiva – note o publico – atacou a gymnastica com uma citação mal compreendida de Spencer, [...]

Mas, voltando a minha aula de gymnastica da qual – os paes que o digam – temos tirado os melhores resultados para a saúde e vigor dos alunos [...] cada dia me convenço mais da sua utilidade hygiênica e da sua importância como principal agente da educação physica – e tanto assim, é que desde o anno que vem vou tornar-la obrigatória para os externos. Para completar a educação physica, tenho encomendado [...] excelentes jogos como o cricket (de collegio), o foot ball, o lown tennis e outros. (Collegio Americano, 1885).

Com esta carta, mostra-se que os discursos que vão produzindo a transformação de jogos em

exercícios sistemáticos nas escolas, passa a ser adotado paulatinamente pelas escolas, defendidos por seus diretores, pais, alunos. Assim como, a referência às ginásticas e esportes que foram produzidos em países europeus e que não justamente esses exercícios transformam as formas de jogar.

Veríssimo defende a ginástica e os exercícios físicos como práticas corporais que eram justificadas pela ciência médica e pelos discursos higienistas em voga na época. A centralidade da “utilidade higiênica” na Educação Física refletia uma visão reducionista do corpo, que era visto como um objeto a ser moldado e disciplinado para se alinhar a padrões de saúde e produtividade. A carta também se insere em um contexto de tensão religiosa, onde Veríssimo ironiza a moralidade católica do Sr. Saraiva. Esse embate exemplifica como a educação, incluindo a Educação Física, era um campo de disputa moral e ideológica. A Igreja Católica, à época, buscava manter sua influência sobre a formação dos jovens. A visão de Veríssimo sobre a moralidade cristã, embora crítica, não escapa a um discurso excludente, pois associava a superioridade ética à adesão a determinados valores burgueses e comportamentos normativos.

Veríssimo tinha a ginástica e o esporte como ferramentas de civilização. Ao incorporar práticas como o cricket, o futebol e o tênis no currículo, ele demonstrava a influência de valores europeus e norte-americanos na concepção da Educação Física. Essas atividades eram vistas como símbolos de progresso e civilização, importados para moldar uma juventude disciplinada e “moderna” (Dias, 2014).

O tom ofensivo e moralista de Veríssimo alimenta a ideia de que o controle sobre os corpos nas escolas era também uma forma de reforçar a autoridade e o prestígio de determinadas instituições e indivíduos. O que demonstra como o debate sobre a Educação Física transcendia o campo técnico ou pedagógico, envolvendo questões de poder e status. A visão de Veríssimo sobre a Educação Física reflete a preocupação das elites brasileiras do século XIX em formar cidadãos saudáveis, disciplinados e preparados para contribuir com o projeto de modernização do país. A Educação Física, nesse contexto, funcionava como uma ferramenta para reforçar desigualdades sociais, ao mesmo tempo que

mascarava essas exclusões sob o pretexto de promover saúde e moralidade (Guimarães e Sousa (2016).

Veríssimo rebate as críticas de Saraiva sobre a ginástica, argumentando que ela não é uma “mystificação”, mas uma prática fundamentada em resultados observáveis de saúde e vigor. No entanto, sua carta também sinaliza uma transição de foco, incorporando os esportes como complemento à ginástica, o que marcava um movimento global na Educação Física da época. Essa tensão entre ginástica e esportes exemplifica o processo de transformação da Educação Física, que buscava se legitimar como uma área científica e pedagógica. No entanto, essa transição também refletia a influência crescente de valores competitivos e individualistas, associados ao capitalismo emergente, subjacente a isso, a normativa médica que autorizava e prescrevia formas de ser e não ser fisicamente, algo caro ao biopoder e que já tendia ser a técnica dominante das relações na primeira metade do século XX.

Considerações Finais

Este estudo demonstrou como práticas discursivas e não discursivas atuaram de maneira estruturada para instituir modos de ver e educar o corpo na cidade de Belém do Pará entre o final do século XIX e o início do XX. O uso de perspectivas foucaultianas, especialmente as teorizações sobre biopolítica e biopoder, permitiu desconstruir documentos históricos que narravam o cotidiano das práticas corporais, como jornais, livros e materiais didáticos. Essa abordagem destacou a instrumentalização do corpo como alvo do poder, em um contexto marcado por entrelaçamentos entre discursos médico-higienistas, militares, religiosos e esportivos.

A análise destes artefatos permitiu afirmar que a cidade de Belém, em seu processo de modernização, investiu em práticas educativas voltadas para o corpo, refletindo uma tentativa de moldar comportamentos e construir um padrão de saúde e disciplina alinhado aos interesses da época. Ao abordar o corpo como um “monumento” histórico a ser interrogado, esta pesquisa amplia a compreensão sobre como as práticas sociais e

educacionais do passado moldaram os padrões de subjetividade e corporalidade que, de certa forma, ainda ressoam atualmente.

Dispositivos continuam operando no presente sob formas renovadas, sustentando um regime biopolítico que regula, normatiza e hierarquiza os corpos. Na contemporaneidade, observa-se uma persistente instrumentalização dos discursos sobre saúde, produtividade e estética, que reforçam padrões corporais idealizados e operam como tecnologias de subjetivação. Práticas como o culto ao corpo “em forma”, a medicalização da infância e da juventude, a disseminação de aplicativos de autocontrole corporal e o uso crescente de procedimentos estéticos configuram formas atuais de governo dos corpos, agora mais vinculadas à lógica neoliberal do desempenho.

Nesse sentido, a lógica disciplinar analisada neste trabalho – e sua incidência sobre a educação do corpo – permanece ativa, ainda que sob novas linguagens e dispositivos. A educação física escolar, por exemplo, embora tenha se transformado, ainda enfrenta desafios quanto à superação de práticas normativas e padronizadas, que muitas vezes reiteram exclusões históricas. Também é possível identificar ressonâncias dessa racionalidade em políticas públicas contemporâneas, como a militarização de escolas e os programas de controle do peso corporal infantil, que reafirmam a vigilância sobre os corpos a partir de critérios técnicos e biomédicos.

Portanto, ao abordar o corpo como um artefato histórico e cultural, esta pesquisa contribui para a compreensão das formas pelas quais os dispositivos de poder continuam a moldar a experiência corporal na atualidade. A partir da perspectiva foucaultiana, mostra-se que as práticas do passado não apenas conformaram subjetividades e corporeidades historicamente localizadas, mas também projetaram matrizes de controle que seguem operando no presente, exigindo uma análise crítica e situada das intervenções educativas e sociais que se dirigem ao corpo.

Contudo, é possível uma leitura mais ampla e histórica sobre o papel da Educação Física na

atualidade da escola brasileira. Se por um lado, a ginástica sueca e os jogos escolares indiretamente ainda compõem o currículo não apenas como atividades educativas, mas como tecnologias regulatórias. Se jogos ainda são didatizados e higienizados em exercícios sistematizados. Ou seja, os corpos dos estudantes ainda são regulados para o trabalho, para a obediência, para a ordem. A Educação Física ainda é um campo técnico, usado como ferramenta biopolítica.

Por outro lado, se, como afirma Fensterseifer, somos “construtores de sentido em um horizonte de sentido” (2021, p. 40), então o corpo pode ser compreendido como linguagem. Trata-se de um deslocamento que não se dá apenas no plano das ideias – ele é ético, estético, existencial e político. É a passagem de uma pedagogia da execução para uma pedagogia da escuta, de um corpo obediente para um corpo significativo. Como afirma Fensterseifer, “é preciso devolver ao conhecimento a sua condição de acontecimento simbólico” (1999, p. 43), onde a linguagem não é apenas um meio, mas o próprio lugar do mundo. Essa perspectiva exige uma reconfiguração profunda da escola. O espaço escolar, nesse novo horizonte, deixa de ser um local de transmissão de verdades para se tornar um lugar de criação de sentidos. O professor deixa de operar como executor de conteúdos para se tornar um intérprete das experiências vividas por seus alunos. O corpo, passa a ser escutado em sua pluralidade: um corpo que sente, que se expressa, que se relaciona.

Na prática pedagógica, isso se traduz em propostas que favoreçam a expressividade corporal, o movimento como diálogo, conhecimento e cuidado de si e a escuta sensível ao contexto e às experiências prévias dos alunos. De acordo com Da Silva e Fensterseifer (2015), a Educação Física, ao adotar esse horizonte, se aproxima de uma prática formativa que respeita a pluralidade dos corpos e a complexidade das relações humanas. Ela deixa de ser o “lugar da técnica” para se tornar o lugar do acontecimento educativo. Deixamos um convite a continuarmos nos perguntando com o corpo e com o mundo.

Notas

1 “A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma única e mesma coisa; o que não é paradoxal, já que a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidade, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados, em troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência” (Foucault, 2008, p.132).

2 É um portal de digitalização de periódicos nacionais que possibilita uma vasta consulta, pela internet, a jornais, revistas, anuários e outras publicações. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

3 É um catálogo de obras raras que reúne publicações de alto valor histórico, cultural, literário e artístico. Disponível em:

<http://www.fcp.pa.gov.br/espacos-culturais/sede/biblioteca-arthur-vianna>

4 Segundo Coelho (2011, p. 141) “um complexo processo de relações culturais, sociais e mentais, mas também materiais e políticas, desenvolvidas no interior de um corpus reconhecido historicamente como o da cultura burguesa e da sua afirmação no interior dos quadros hegemônicos do capitalismo industrial”.

5 Villaret (2016) destaca que, inicialmente na Europa, esportes e ginásticas foram usados em cidades europeias como simplificações das formas de naturismo. O autor aponta que (entre os séculos XVIII e XIX) “as primeiras formas de uma educação física repousam, essencialmente, sobre a adjunção de práticas higiênicas oriundas das curas naturais aos exercícios físicos elaborados a partir das ginásticas preexistentes” (Villaret, 2016, p. 82).

6 Fundado dia 25 de setembro de 1896, tinha como ideal a prática da educação física, através do cultivo dos esportes. Sua sede ficava na Estrada Nazareth, onde eram praticadas diversas modalidades (basquete, ciclismo e tiro). O clube ajudou a criar campeonatos de futebol e de remo. Parte de seus integrantes fundaram o grupo de Remo, atual clube do Remo (História do Futebol, 2021).

7 Segundo Sarges (2010), Antônio Lemos foi nomeado intendente da cidade, permanecendo até 1912. Foi nessa conjuntura que teve como foco políticas higienistas, sanitaristas e “modernizadoras” da cidade. O autor ressalta que um dos focos de Lemos foi o “Saneamento Serviço Sanitário e Saúde Pública”, além da “estética da cidade”. O que inclui o controle do espaço e da natureza (rios, igarapés, florestas), dos fluxos de pessoas, portanto, também do corpo (Sarges, 2010).

8 Augusto Montenegro foi governador do estado do Pará entre 1901 e 1908, no contexto de controle do corpo na

cidade, de acordo com Sarges (2010) e Gonçalves (2022), em Belém, passou-se a ter uma tentativa de controle da saúde da população, por intermédio de hospitais e de casas de saúde, da presença de médicos e de autoridades sanitárias.

9 Segundo Foucault (2021), por dentro do uso médico na política de países como Alemanha, França e Inglaterra é que os discursos científicos vão se constituindo (sendo produzidos) por dentro da medicina, sem preterir suas funções políticas. Segundo o autor “A medicina passou da análise do meio à dos efeitos do meio sobre o organismo e finalmente à análise do próprio organismo. A organização da medicina foi importante para a constituição da medicina científica.”

10 A revista “A Semana: Revista Ilustrada”, foi publicado no estado do Pará entre (1919 – 1942), tendo como foco editorial conhecimentos gerais do estado e do país, esportes, poesia e literatura paraense.

Referências

BRACHT, Valter. Educação física no 1º grau: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, p. 23-28, 1996.

CARVALHO, Rafael Matos. **Belle Époque esportiva: A imprensa paraense como agente da popularização dos esportes no início do século XX (1900-1935)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

COELHO, Geraldo Mártires. Na Belém da Belle Époque da borracha (1890-1910): dirigindo olhares. **Escritos: revista da Casa de Rui Barbosa**, n. 5, p. 141-168, 2011.

DA SILVA, Sidinei Pithan; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Conhecimento e intervenção na Educação Física: questões ético-epistemológicas. **In: CONGRESSO Brasileiro de Ciências do Esporte**. 2015.

DIAS, Douglas Cunha. **Quem te margeia conta de ti: educação do corpo na Belém do Grão-Pará (de**

1855 à década de 1920). 2014. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2014.

DIAS, Douglas da Cunha. SOARES, Carmen Lúcia. Entre velas, barcos e braçadas: Belém no espelho das águas (do final do século XIX à década de 1920). **Projeto História**, v. 49, p. 19-49. Abr. 2014.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Epistemologia, crítica e formação: uma interpretação não metafísica (para os habitantes da caverna). **Epistemologia, ensino e crítica: desafios contemporâneos para a Educação Física**, p. 31-48, 2013.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **A Educação Física na crise da Modernidade**. 1999. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: MACHADO, Roberto (Org. e Trad.). **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, p. 15-37, 2021.

GOMES, João Arnaldo Machado; DA SILVA, Laura Camila Silva. Uma cidade sobre duas rodas: Ciclismo e gênero em Belém do Pará (1890-1910). **Revista Discente Ofícios de Clio**, v. 6, n. 10, p. 294-294, 2021.

GONÇALVES, Analuz Marinho. O processo de urbanização na cidade de Belém do Pará durante a Belle Époque e seus impactos. **Oficina do Historiador**, v. 15, n. 1, p. e37865, 2022.

GUIMARÃES, Jacqueline Tatiane da Silva; SOUSA, Marlucy do Socorro Aragão de. A educação da Criança na república paraense: as propostas de José Veríssimo. **Revista Latino-Americana de História**, v. 5, n. 15, p. 11-25, 2016.

MACHADO, Jorge Ricardo Coutinho. A Escola de Química Industrial do Pará: ações em rede sociotécnica na Belém dos anos 1920. **Seminário Nacional de História das Ciências e Tecnologias**, v. 15, 2015.

MELO, Victor Andrade de. Esporte, ginástica, educação física: as práticas corporais institucionalizadas. **Revista ComCiência**. p. 7-15, 2014.

PICH, Santiago. Cultura corporal de movimento. In: GONZÁLEZ, F.; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Org.). **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Editora Unijuí, 2014. p. 108-111.

PINHEIRO, Welington da Costa; ALVES, Laura Maria da Silva Araújo. A educação da infância paraense a partir de propagandas de colégios no início do século XX. **História e Diversidade**, v. 5, n. 2, p. 223-239, 2014.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)**, 3a edição. Belém, Paka-tatu, 2010.

SOARES, Carmem Lucia. (Org). **Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. Campinas, SP. Autores Associados: 2016.

SOARES, Carmen Lúcia. **Três notas sobre natureza, educação do corpo e ordem urbana (1900-1940). Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana.** Campinas: Autores Associados, p. 1-45, 2016.

VIGARELLO, Georges. A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos. Université de Paris V École des Hautes Études em Sciences Sociales (EHESS).. **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**, v. 25, n. 1, p. 9-20, 2003.

VILLARET, Sylvain. Naturismo e educação corporal (fim do século XIX e início do século XX): uma natureza em movimento. *In*: SOARES, Carmen Lúcia. **Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana.** Campinas: Autores Associados, p.69-89, 2016.